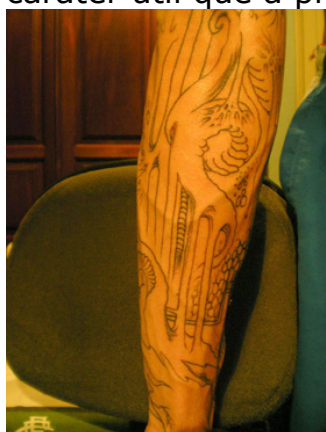




De fato, é impossível pensar o acontecimento juvenil sem seu fetichismo audiovisual atrelado à própria vida, ou seja, sem sua ininterrupta vontade estetizadora da existência. Como em última instância, o corpo é o estigma que, querendo ou não, carregaremos eternamente, tornando evidente nossa existência materializada, ele ganha posição protagonista nos estudos sobre a juventude. Em primeira instância, pode-se, contaminado por um atravessamento lógico-racionalizante, entender o corpo limitado por seus óbvios limites físicos, cujas expansões e mobilidades só podem ser entendidas mediante a primária movimentação físico-biológica utilitária, ou seja, o corpo móvel que anda, corre, dança, dorme, etc. Porém, quando estudamos ou, indo além, vivenciamos a juventude, estas primárias características do corpo ganham ares de meras ferramentas que, ao serem utilizadas como matérias-primas para seus inerentes processos de "artistagem"⁽¹⁾, dilatam o caráter útil que a primeira instância racional inventou.



É neste sentido da dilatação orgânica do corpo, que este vai confortavelmente se hibridizando, se metamorfoseando, se apropriando do que ousar entrar em seus (des)territórios de ação. Através desta constante atividade reformulante acostuada ao caos das múltiplas opções, o ator protagonista da vida vai tecendo suas táticas, seus impactos de existência. Vejam que aqui a existência se

desprende do corpo físico e passa a deixar marcas, é um corpo dilatado, artistado, juvenilizado que ganha (des)forma. A partir disso, ouve-se falar hoje em cidade orgânica, ou seja, um ambiente que é só aparentemente imóvel, que não só é marcado pelos corpos que o trafegam, como também deixa suas marcas, a cidade está vida, ganhou um corpo atuante, cuja força está exatamente no seu teor invisível. É neste sentido, que caminham também as apropriações, cada vez mais cotidianas, de novas tecnologias de produção e distribuição de audiovisual. Estaria o audiovisual ganhando corpo, carne, fluxos? Já seria possível medir a pulsação do fazer audiovisual?



Democratização da imagem. Veiculação gratuita. Através de sites de compartilhamento de vídeos, a internet deu a possibilidade do fazer a diversas subculturas. A multiplicidade de assuntos ou de visões nos mesmos assuntos pode permitir tanto o apoio quanto a recusa da importância dessa democratização "Youtube não abala o cinema"(2) , diz **Robert Redford**, um premiado ator e diretor de Hollywood, que inclusive fundou o **Instituto Sundance de Cinema**, a fim de prestigiar o cinema independente. Nessa entrevista, declarou ainda que "o que diferencia o joio do trigo é a qualidade" e "O youtube e sites desse tipo favorecem a democratização, mas existe muita porcaria aí fora". Não só ele, mas o próprio site que veicula a notícia, numa interpretação à declaração do cineasta, afirma que ele "disse que o conteúdo de qualidade ainda vem de filmes propriamente ditos". Tais afirmações, independentemente de quem as fez, evidenciam que a credibilidade dessa democratização é encarada com desconfiança. Discute-se o que são "filmes propriamente ditos", qualidade técnica, e tudo sempre em padrões previamente definidos por convenções audiovisuais que já estamos acostumados em veículos de comunicação, como TV e cinema.

Redford ainda acrescentou: "Quanto mais a arte se fundir com a tecnologia, mais ela vai impulsionar a tecnologia". A preocupação predominante gira mais em torno dos méritos do desenvolvimento de uma tecnologia, da novidade, ou então de um fetichismo tecnológico, quando isso não acompanha o fluxo da necessidade de um "transbordar" de imagens, que não possuem qualquer controle ou prévia aprovação. O discurso pulsa através das imagens, com credibilidade ou não.

(1) Termo criado por Sandra Mara Corazza em seu livro também intitulado *Artistagens*.

(2) Entrevista disponível em <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/022008/14022008-18.shl>>. Acesso em 31/03/2008

sobre o(a) autor(a):

Bruno Caetano [brunocaetanorj@gmail.com]

Graduado em Administração (UFRJ); estudante de cinema (Escola de Cinema Darcy Ribeiro); integrante dos grupos de pesquisa "Linguagens desenhadas e educação".

Gustavo Coelho [coelhoguga@gmail.com]

Graduado em Comunicação Social (UERJ); mestrando em educação (ProPEd – UERJ); integrante dos grupos de pesquisa "Linguagens desenhadas e educação" e "Juventude líquida: estética/educação/acontecimento".